



Moda e Artesanato: a Pluriatividade dos Jovens para o Desenvolvimento Local¹

Angelo Brás Fernandes Callou²
Auta Luciana Laurentino³
Bruna Galindo Moury Fernandes⁴
Sabrina Kelly Nogueira Falcão Soares⁵

RESUMO

Este trabalho faz uma abordagem sobre a inserção do jovem rural no cenário da produção da moda e do artesanato na perspectiva do desenvolvimento local, aqui compreendido como um processo de mobilização de pessoas e instituições locais, com vistas a melhorar a qualidade de vida da população, priorizando as potencialidades e recursos existentes na localidade. Tem como foco principal de análise a Associação dos Pequenos Agricultores do Sítio do Batente, da comunidade de Barra do Riachão, do município de São Joaquim do Monte, Pernambuco. O estudo faz parte de uma pesquisa mais ampla que engloba comunicação e cultura no desenvolvimento local, no que se refere à moda, vídeo, fotografia, jornalismo, rádio, teatro e música, promovida pelo Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex), da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

PALAVRAS-CHAVE: Jovem Rural. Moda. Desenvolvimento Local.

INTRODUÇÃO

Este trabalho faz uma abordagem sobre a inserção do jovem rural no cenário da produção da moda e do artesanato na perspectiva do desenvolvimento local, aqui

¹ Trabalho apresentado ao GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor Titular da Universidade Federal Rural de Pernambuco e Vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex), da UFRPE. E-mail: abcpeixes@br.inter.net

³ Designer de Produto, mestranda em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: autall@yahoo.com.br

⁴ Turismóloga, professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE) – Campus Recife, mestranda em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: brunamoury@hotmail.com

⁵ Jornalista, mestranda em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: Sabrina_ufpb@yahoo.com.br

compreendido como um processo de mobilização de pessoas e instituições locais, com vistas a melhorar a qualidade de vida da população, priorizando as potencialidades e recursos existentes na localidade. Esta concepção parte do pressuposto de que as comunidades locais apresentam características particulares, que se opõem ou não se enquadram em políticas e estratégias generalistas de nível nacional (FRANCO, 2004; JARA, 2001). O desenvolvimento local é considerado um fenômeno humano (FORTIN; PRÉVOST apud JESUS, 2003).

De acordo com Jesus (2006), o desenvolvimento local é um processo de mobilização e articulação:

Trata-se de um esforço localizado e concertado, isto é, são lideranças, instituições, empresas e habitantes de um determinado lugar que se articulam com vistas a encontrar atividades que favoreçam mudanças nas condições de produção, comercialização de bens e serviços de forma a proporcionar melhores condições de vida aos cidadãos e cidadãs, partindo da valorização e ativação das potencialidades e efetivos recursos locais (JESUS, 2006, p. 25).

Como unidade de análise, investigou-se a comunidade de Barra do Riachão, Município de São Joaquim do Monte, Pernambuco, por se tratar de uma localidade que apresenta indicativos da pluriatividade.

As discussões em torno da temática juvenil vêm adquirindo visibilidade expressiva em torno da questão geracional no contexto da agricultura familiar, principalmente no tocante à pluriatividade, ao trabalho voltado à atividade não agrícola e à participação dos jovens em espaços de discussão política.

No recorte da temática juvenil, Castro (2005) expõe bem a participação dos jovens em espaços políticos, quando aborda que os movimentos sociais no Brasil constituem um espaço de surgimento de novas organizações de juventude rural como ator político e isto é observado em grupos como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, o Movimento Sindical de Trabalhadores Rurais e organizações religiosas evangélicas e católicas. Segundo a autora, esse tipo de articulação não se constitui numa novidade, pois os jovens do meio rural em muitos países desenvolvem formas de representação na perspectiva do reconhecimento político.

Nesse cenário, as contribuições de Carneiro (1998) são oportunas quando afirma que o espaço rural não se define mais exclusivamente pela atividade agrícola. Em seu texto a autora contextualiza o espaço rural abordando a significativa redução de pessoas ocupadas unicamente na agricultura e chama a atenção para o debate, ainda pouco

estudado, acerca das novas formas de organização da produção virem a se desenvolver no campo ou de antigas práticas assumirem novos significados.

A pluriatividade no território rural está relacionada a dinâmicas econômicas diversificadas. Del Grossi e Silva (2002) definem a pluriatividade como uma “combinação de atividades agrícolas e não agrícolas no interior da mesma família extensa. Pode ainda ser pluriatividade a combinação de atividade agrícola no próprio negócio com outra atividade agrícola como assalariado em outros locais” (2002, p. 46).

Nessa perspectiva de atividades não agrícolas, trazemos um estudo acerca da inserção do jovem rural no cenário da produção artística sob a condução da arte e da moda, indicativos da prática pluriativa desenvolvidos pelo jovem rural, sem que haja o desligamento da atividade agrícola e do sentimento de pertencimento ao meio rural onde vive. Este estudo buscou identificar jovens que se destacam no cenário do artesanato e da moda na promoção do trabalho e renda, e ao mesmo tempo registrar talentos que ultrapassam a unidade de produção familiar, agrupando avanços em noções práticas e de domínio da confecção do trabalho artesanal local.

A metodologia concentrou-se na seleção de jovens da comunidade de Barra do Riachão, do município de São Joaquim do Monte. Os referidos jovens são detentores de habilidades técnicas na criação e produção de peças na área do artesanato e da moda. Em Barra do Riachão, existem serviços como a Escola Intermediária Vitória Tenório Vaz, posto do Programa Saúde da Família, Igreja Católica e Igreja Evangélica, além de espaços de sociabilização e lazer, como a feira livre e as festas populares.

O principal instrumento de pesquisa foi um roteiro de entrevista aplicado a jovens agricultores e não agricultores que desenvolvem o trabalho artesanal como fonte de renda familiar. Cabe aqui registrar que o grupo analisado é composto quase que exclusivamente por jovens do sexo feminino.

O foco principal de análise foi a Associação dos Pequenos Agricultores do Sítio do Batente, a qual vem se configurando como um importante espaço de inserção e participação da população local. Fundada em 2002, essa associação tem um papel relevante na localidade, pois abarca as principais atividades produtivas de Barra do Riachão, que giram em torno da agricultura, da pecuária e da pesca de subsistência, realizada no rio Sirinhaém, que corta a comunidade, como também da produção artesanal de redes de pesca com fios de algodão, técnica secular na comunidade.

Através dessa atividade artesanal, surgiu o grupo Arte Calango, o qual conta atualmente com vinte artesãos, em sua maioria mulheres jovens e adultas, para a fabricação de produtos utilitários e decorativos, como capa para almofada, jogo americano, toalha de mesa, cortina, tapete, além de acessórios de moda, como bolsas, colares, boleros, blusas, faixas e tiaras. Nesse contexto, a partir de uma intervenção de *design* realizada por uma equipe de professor e alunos do Departamento de Design da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com o apoio do Núcleo de Saúde Pública (Nusp) da UFPE, os jovens da comunidade começaram a enxergar novas oportunidades de trabalho e renda, por meio da produção artesanal.

Essa intervenção teve como objetivo a inserção de novas peças na produção artesanal da comunidade, de forma que estas atendessem às necessidades de consumo do mercado. Por esta razão, realiza-se aqui uma breve análise sobre a contextualização do artesanato e seu consumo na sociedade moderna e industrial. Essa fundamentação simbólica e mercadológica está presente no artigo de Silva (2007), quando afirma:

[...] a busca pela identificação pessoal e pelo *status* na sociedade vem difundindo a utilização do artesanato das mais variadas formas, este passa a ser associado a um sentimento de identificação e de valorização cultural.

A valorização do artesanato como objeto de consumo passa a ser ao mesmo tempo uma fórmula contra o risco de *extinção* da atividade e uma forma de satisfação ao desejo gerado na sociedade pós-industrial. Entre os elementos que contribuem para o lançamento dos referenciais simbólicos do artesanato está a moda (2007, p. 1, grifo do autor).

No que se refere ao debate teórico sobre juventude e juventude rural apresentamos as observações de Castro (2005), no que se refere à juventude, como uma passagem da infância à vida adulta. Também nos reportamos a Abramovay et al. (1998) quando discute a importância da criação de políticas públicas para os jovens rurais em termos de ampliação de suas possibilidades profissionais. Abramovay (1998) afirma nesse trabalho que existe uma preferência visível de atividades rurais não agrícolas pelas jovens mulheres rurais e que

As moças deixam o campo antes e numa proporção muito maior que os rapazes. Este “viés de gênero” no êxodo rural não parece estar ligado a oportunidades particularmente favoráveis no mercado de trabalho urbano, mas à precariedade das perspectivas assim como ao papel subalterno que continuam a ter as moças no interior das famílias de agricultores (1998, p. 16).

Assim, entende-se que a utilização de novas ferramentas, como neste caso o *design*, não substitui as tradições da comunidade, mas tenta agregar valor aos produtos artesanais, além de estimular a participação e a permanência dos jovens em atividades produtivas locais. Nessa dinâmica, Canclini (2005, p.198) indica que as mudanças na produção artesanal em tempos de globalização são necessárias para que um grupo possa se manter, considerando que as mudanças negociadas de sua iconografia e práticas tradicionais representam táticas para expansão do comércio e obtenção de dinheiro, cuja finalidade é melhorar a vida cotidiana. Neste contexto, o consumo multicultural, com que procuram satisfazer suas necessidades aproveitando os seus recursos tradicionais e os de diferentes sociedades modernas, confirma a reorientação sutil dos setores populares.

POLÍTICAS DE CULTURA E JUVENTUDE RURAL

Na perspectiva de analisar as políticas públicas voltadas para a juventude rural e o desenvolvimento local, trazemos algumas observações que consideramos fundamentais para a discussão deste tema.

Atualmente, percebe-se que o desenvolvimento não deve ser visto apenas sob aspectos técnicos já que ele só ocorre de fato quando avançam indicadores chave, quando ocorre a ampliação das oportunidades reais dadas aos seres humanos para aprimorarem suas potencialidades. “O ser humano não é apenas um meio do desenvolvimento, mas seu fim último” (KLIKSBERG, 2002, p. 11).

Sposito e Corrochano (2005) trazem em seu artigo A Face Oculta da Transferência de Renda para Jovens no Brasil uma importante discussão sobre as políticas públicas voltadas para os jovens no nosso país. Elas afirmam que:

Nos últimos dez anos podem ser observadas sensíveis diferenças no debate público em torno do tema da juventude no Brasil. Não só emerge um novo interesse na investigação no âmbito das ciências humanas, como se espriam iniciativas destinadas a esse segmento por parte dos mais diversos atores governamentais e da sociedade civil (2005, p. 141).

As autoras apresentam alguns programas implementados na esfera pública, nas instâncias federal e municipal, do período da gestão presidencial de Fernando Henrique Cardoso ao Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Analisam o Projeto Agente Jovem, o Programa Serviço Civil Voluntário e o Programa Bolsa Trabalho Renda, levando em conta todas as variáveis existentes nesses programas, porém citam também o Programa

Primeiro Emprego e a criação do Programa Pró-Jovem. As autoras não negam que essas iniciativas possibilitaram o acesso à renda, porém alegam que:

O teor e o impacto dessas iniciativas – federais e municipais – são variados em todo o país e não refletem, necessariamente, mudanças significativas no interior de uma agenda pública que tem a juventude e seus direitos como tema. Sinalizam, no entanto, inflexões importantes que podem constituir novas arenas no âmbito da esfera pública, como lócus de disputa em torno dos modelos normativos que orientam as representações sobre a condição juvenil no país, bem como as expectativas de sua inserção no mundo adulto (2005, p. 142).

Explicam ainda que as ações no âmbito das políticas públicas voltadas para os jovens não são reais, pois não levam em conta as necessidades específicas desses jovens. Enfatizam que há conflito em torno das orientações que alimentam as ações destinadas aos segmentos juvenis, como também afirmam que não há uma definição do que seriam políticas públicas de juventude. Concluem que “desde suas origens, as políticas de juventude constituem um espaço de intervenção pública *transversal e periférico*” (LONCLE apud SPOSITO; CORROCHANO, 2005, p. 144).

Na comunidade pesquisada, percebe-se a ausência de programas voltados para os jovens. O que temos atualmente é a ação de *design*, já mencionada anteriormente, voltada para a produção artesanal. Essa ação conseguiu atrair um público jovem bastante significativo, principalmente o feminino, que apesar de dominar o ponto de rede de pesca,⁶ antes desse projeto, não tinha interesse nessa produção.

A implementação do trabalho artesanal, segundo Canclini (1983), é um recurso econômico e ideológico utilizado para limitar o êxodo camponês e a consequente entrada nos meios urbanos de maneira constante de um volume de força de trabalho que a indústria não é capaz de absorver, e que agrava as já preocupantes deficiências habitacionais, sanitárias e educacionais.

Nessa perspectiva, Silva (2007) afirma que a observação de Canclini (1983) é oportuna, mas não se pode ignorar que essas iniciativas têm beneficiado muitos camponeses e habitantes de regiões afastadas dos grandes centros urbanos. E justamente por causa de seus benefícios, esses projetos alcançam grande aceitação, pois se encontram diante da tão sonhada valorização do produto e de uma perspectiva de renda.

⁶ Trata-se de uma técnica artesanal que prima pela confecção de rede de pesca, utilizando-se o fio de nylon como matéria-prima na transformação em instrumento de pesca. Estas redes eram confeccionadas antigamente com barbante e atualmente usam o nylon.

Outro benefício, que é ressaltado pelo autor, é a manutenção da família, pois a produção artesanal torna possível manter a família unida e alimentada.

Em linhas gerais, de acordo com o Censo Demográfico de 2000 (apud WANDERLEY, 2006, p. 27), a população brasileira de jovens, situada na faixa entre 15 e 24 anos, é de 34.081.330 habitantes, dos quais 6.325.659 (18,6%) vivem nos espaços que as estatísticas oficiais definem como zonas rurais.

Em consultas a fontes de pesquisa, não foi identificado no município de São Joaquim do Monte o segmento da população jovem local quantificada. O município localiza-se na mesorregião do Agreste e microrregião do Brejo pernambucano, numa área de desenvolvimento do agreste central. Faz limites ao norte com os municípios de Bezerros e Camocim de São Félix, ao sul com Cupira, ao leste com Bonito e Belém de Maria e ao oeste com o município de Agrestina. Localiza-se a 120 km, aproximadamente, da capital Recife. São Joaquim do Monte apresenta três distritos, um que leva o mesmo nome, Barra do Riachão e Santana de São Joaquim, e dois povoados, Monte Alegre e Cajueiro (IBGE, 2009).

Sob aspectos históricos, São Joaquim do Monte foi elevado à categoria de município em 1928, o qual se desmembrou do município de Bonito, e em 1943 passou a se chamar Camaratuba, nome substituído posteriormente por São Joaquim do Monte em 1948 (IBGE, 2009).

A população total de São Joaquim do Monte, segundo Censo Demográfico 2000, é de 20.869, com 13.470 na área urbana (64,55%) e 7.399 na área rural (35,45%), sendo 772 habitantes da comunidade de Barra do Riachão, local da nossa pesquisa. Na Tabela 1, a seguir, estão discriminados os indicadores demográficos que apresentam a taxa de urbanização em 64% e uma densidade demográfica que chega a 0,76%.

Tabela 1 - Indicadores Demográficos 2007, do Município de São Joaquim do Monte (PE)

Discriminação	Valor
Taxa de urbanização (%)	64,55
Densidade demográfica (hab/km ²)	86,01
Taxa anual de crescimento demográfico (2000/2007) ⁽¹⁾	0,76
Média de moradores por domicílio	3,49

Fonte: IBGE e Agência Condep/Fidem

(1) População ajustada de 1º de abril para 1º de agosto de 2007, para que a taxa de crescimento da população no período 2000 a 2007 tivesse o mesmo mês de referência.

Ao se analisar os dados do Índice de Desenvolvimento Humano do Município (IDH),⁷ vê-se um quadro relativamente baixo, principalmente no que se refere à educação, como mostra a Tabela 2, abaixo.

Tabela 2 - Indicadores do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (1991-2000), de São Joaquim do Monte (PE)

IDH-M		IDH-M Renda		IDH-M Longevidade		IDH-M Educação	
1991	2000	1991	2000	1991	2000	1991	2000
0,481	0,571	0,488	0,497	0,528	0,627	0,427	0,589

Fonte: Pnud/Ipea/FJP, Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (IBGE, 2009).

A tabela acima apresenta o IDH Municipal de São Joaquim do Monte, com modestas elevações nos indicadores do ano 2000, mas que representam ainda um quadro relativamente reduzido de desenvolvimento humano do município.

ARTE E CULTURA NA VIDA DE JOVENS DE BARRA DO RIACHÃO

A produção artesanal local do ponto da rede de pesca exerce, cada vez mais, papel relevante na comunidade. Esta constatação se dá, sobretudo, para um grupo específico de jovens envolvidos com o artesanato os quais constituem o objeto de análise neste trabalho. Nessa perspectiva, traremos de alguns depoimentos e impressões coletados quando da pesquisa de campo realizada.

A jovem Edilânia Amara da Silva, 19 anos, é moradora do Sítio Barra da Palmeira, vizinho à comunidade de Barra do Riachão. Com o ensino médio completo, ela dedica seu tempo para criar bolsas, prendedores para cabelos, flores em tecido e desenhar figurinos de moda. Sua mãe é costureira, e foi por meio dela que aprendeu a arte da costura. Edilânia não sabe cortar as peças, nem modelar, mas as desenha com exatidão.

Em 2008, a jovem teve uma experiência com a empresa Floresbela, grupo pequeno e familiar que confeccionava bolsas e carteiras cortadas para que ela executasse a etapa da costura. Por cada bolsa “fechada”, expressão utilizada por Edilânia Amara da Silva, que significa a bolsa costurada sem detalhes de bordado, recebia R\$ 0,50. Alguns modelos necessitavam de bordado, e por cada bordado executado também recebia o mesmo valor. Assim, em um dia de trabalho conseguia R\$ 8,00, numa semana R\$ 40,00 e no mês R\$ 160,00. Essa produção envolvia outras

⁷ O Índice de Desenvolvimento Humano é um método de avaliação de desenvolvimento econômico expresso nos indicadores de renda, longevidade e educação.

pessoas da família e da comunidade. Atualmente, Edilânia produz embalagens de papel para o grupo de artesãos Arte Calango, cujo objetivo é obter retorno financeiro com as vendas dos produtos artesanais.

Silva (2007) afirma que o desenvolvimento do artesanato é uma forma de suprir a demanda gerada pela moda e de garantir aos artesãos um meio de subsistência. A implementação do trabalho artesanal por meio de iniciativas estatais e privadas prioriza a valorização econômica. Por outro lado, o artesanato possui valores simbólicos e de identidade cultural que a moda vem resgatando e inserindo na sociedade como elementos de diferenciação, gerando assim uma crescente demanda por produtos artesanais.

Moda e artesanato, na sua essência, possuem valores simbólicos capazes de indicar ou fazer referência a posições sociais e culturais dos grupos a que pertencem. Malcolm (2003) trabalha em seu livro *Moda e Comunicação* a ideia de que moda e indumentária são meios de comunicação, comunicação não verbal, sendo “fenômenos culturais no sentido de que a cultura pode ser ela própria entendida como um sistema de significados, como as formas pelas quais as experiências, os valores e as crenças de uma sociedade se comunicam através de atividades, artefatos e instituições” (2003, p. 49).

Este autor, ao discorrer sobre moda e cultura, entende que “todas as culturas são relativas entre si e que não existe uma só cultura que supostamente fique fora dessas relações para atuar como padrão ou medida para todas as outras” (MALCOLM, 2003, p. 61). Ele afirma que na concepção multilinear de cultura a qual inclui todas as atividades e interesses característicos de um povo, moda, vestuário e adorno são considerados cultura. E completa que a moda e a indumentária são algumas das maneiras pelas quais a ordem social é experimentada, explorada, comunicada e reproduzida.

Trilharam o mesmo caminho de Edilânia, os irmãos Pamela Cristina Silva, 18 anos, e Wilker José Pereira da Silva, 22 anos. Os irmãos aprenderam juntos a arte da costura quando ingressaram na Floresbela, empresa de confecção de bolsas. Desempregados, começaram a trabalhar e a aprender a confeccionar as bolsas, o que levou a proprietária a ceder a máquina aos dois jovens para trabalharem em casa. “Durante três dias, aprendemos o ofício e no quarto dia recebemos a notícia para trabalhar em casa,” decorre Pamela. Para os irmãos, a maior dificuldade foi no início, momento em que aconteciam os acidentes de trabalho com o manuseio da máquina,

além da pressão a que eles eram submetidos para que o trabalho fosse concluído no prazo determinado.

A profissão que durou oito meses remunerou os irmãos com uma média de R\$80,00 (oitenta reais) por semana de trabalho, quando o número de encomendas proporcionalmente aumentava. A base da confecção eram bolsas em tecido, que já vinham com os modelos cortados para os jovens realizarem a costura. “Pra mim ficou a experiência, porque eu pude aprender um ofício e que durou o período em que a produção foi alta. Mas que hoje não tenho vontade ou interesse de exercer a profissão, embora tenha me dado uma remuneração razoável,” complementa Wilker.

Para Pamela, que hoje trabalha no segmento de acessórios de moda, como integrante do grupo Arte Calango, a costura em bolsas foi uma fase da vida em que pôde exercer uma atividade ligada também à arte.

Outro jovem que manifesta o duplo trabalho de corte e costura é José Edson da Silva, 23 anos, que divide o trabalho de artesanato em roupas com a atividade de cabeleireiro. A mãe, agricultora e também costureira, nunca demonstrou interesse em repassar para o filho a arte da costura, mas José Edson buscou sempre uma nova forma de aprender. Autodidata, ele diz que o interesse surgiu por curiosidade, quando a mãe adquiriu uma máquina de costura para ajudar na renda familiar. Aprendendo sozinho, ele seguiu o caminho de costureiro, observando a mãe nos movimentos singelos que a costura exige.

Para aprimorar os conhecimentos adquiridos, José Edson que estudou até a 8ª série do ensino fundamental ingressou em um curso de capacitação promovido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), numa iniciativa da Associação dos Pequenos Agricultores do Sítio Batente e da Vila Barra do Riachão. Este curso foi um avanço no aprendizado e um incentivo para exercer a atividade da costura dentro de uma perspectiva profissional, embora atualmente tenha a profissão de costura como segunda opção na sua renda. “Exerço a profissão de costureiro há três anos, mas hoje trabalho ajudando minha mãe nos cortes das peças de roupas, além de costurar também,” afirma ele. Para exercer a atividade de costureiro, José Edson trabalha num espaço pequeno, alugado, que divide com o salão de cabeleireiro.

Mesmo com poucos clientes no comércio local, José Edson explica a dificuldade nas vendas no comércio em feiras livres, principalmente de Caruaru, pois ele não tem

ponto fixo, o que inviabiliza seu trabalho. Segundo ele, colocar o produto no mercado das feiras é um bom lucro que se alcança na confecção de roupas, principalmente na feira de Caruaru, um local de fácil acesso para vários tipos de clientes e, conseqüentemente, de vendas garantidas.

A falta de estímulo para avançar na confecção de roupas faz com que os jovens não se reconheçam no tocante à potencialidade artística que têm. O mesmo ocorre com Roberto Lopes da Silva, 26 anos, agricultor, ensino médio completo. Segundo ele, o interesse pela confecção de roupas surgiu nas feiras de Caruaru, observando as pessoas que comercializavam calças jeans customizadas.⁸ “O interesse foi imediato, principalmente quando uma colega transferiu o ofício pra mim,” diz ele, que inicialmente teve dificuldades, mas que três meses depois adquiriu prática.

O jovem Roberto desenvolve criações que são acessórios costurados em calças e *shorts* jeans. Segundo ele, são acessórios que enriquecem o modelo, dando vida e brilho à roupa. Mesmo com esta atividade, ele não se qualifica como profissional atuante no segmento. “Tenho este trabalho como um passatempo, embora tenha um bom ganho, mas a minha profissão é de agricultor.” O jovem não sonha alto, não pretende crescer com a arte da costura artística, aplicando acessórios nas peças jeans. Seu desejo é apenas contribuir na renda familiar e continuar comercializando seus produtos na feira de Caruaru, local fundamental para o comércio de suas criações, já que o de Barra do Riachão é reduzido.

Um comportamento intrínseco na produção artesanal conduzida pelos jovens de Barra do Riachão, protagonistas desta pesquisa, é a utilização das características da comunidade local refletidas nas roupas, a exemplo das blusas e calças customizadas que são confeccionadas por Edilânia da Silva e José Lopes da Silva. Ao conversarmos com Edilânia sobre o desejo de continuar criando suas peças e também sobre a vontade de se profissionalizar, ela nos respondeu que tem muito interesse em produzir sim, mas sabe que na comunidade não dá certo, não vê futuro, e quanto à profissionalização, falou da dificuldade financeira, da falta de acesso e até mesmo de informação.

Para entendermos sobre as suas referências na área da moda, procuramos saber quais os tipos de materiais ou mídias que ela pesquisa sobre o assunto. A respeito disso, falou que a única coisa que acompanha é um programa da TV Record chamado Hoje em

⁸ É adaptar os produtos e processos ao gosto do cliente. Trata-se do atendimento que visa a satisfação do freguês. A origem da palavra está no inglês *customer*, que significa cliente.

Dia. Destacou que assiste a esse programa porque traz muitas informações sobre moda e que acompanha todas as terças e sextas-feiras. A TV é o único meio de comunicação que utiliza para se manter atualizada com as tendências mercadológicas, pois não tem acesso a revistas, jornais e internet.

Assim, pela falta de informação sobre o que acontece na área da moda na sua região, em relação a cursos profissionalizantes ou acadêmicos, apesar do desejo de seguir carreira, percebemos que Edilânia não buscou pesquisar sobre instituições que ofereçam cursos na área de design de moda. Entendemos que o que falta também é o apoio familiar e estímulo para realizar o desejo de se tornar uma profissional, pois nessas duas últimas décadas o número de instituições de ensino voltadas para o setor da moda aumentou consideravelmente, principalmente no Agreste de Pernambuco, região que tem um dos maiores polos de confecção do País, onde se localiza Barra do Riachão.

O município de Caruaru, por exemplo, conta com a Universidade Federal de Pernambuco do Agreste que oferece o curso de Design e Moda. O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) oferecem cursos profissionalizantes na área de *Design* de Moda, e ainda curso de pequena duração nas áreas de *Design* e Estilo, Moda e Desenho de Moda em *Coreldraw*,⁹ modelagem e costura.

Além dessas instituições em Caruaru, em Santa Cruz do Capibaribe existe a Faculdade de Desenvolvimento e Integração Regional (Fadire) que também oferece *Design* de Moda e onde também está presente o Senai. No Recife, várias instituições particulares e públicas oferecem o curso acadêmico e profissionalizante de *Design* e Moda: a UFPE, o Senai, o Senac, e instituições particulares, como a Faculdade Boa Viagem, Faculdade da Moda e Faculdade Maurício de Nassau, entre outras.

Para que haja a adequação do artesanato sem a supressão de suas características intrínsecas, Barroso (2002, apud Silva, 2005, p.13) explica que é necessário colocar em evidência o seu valor cultural, contando um pouco de sua história, sua gênese. Esses detalhes é que fazem toda a diferença e isto pode ser conseguido com a simples colocação no produto de uma etiqueta que utilize uma linguagem mais poética e afetiva. Esta intimidade com o produto é o grande diferencial entre o produto industrial

⁹ Ferramenta de desenho técnico para execução de projetos.

despersonalizado e o produto artesanal. Esta estratégia de explicar um pouco da cultura de onde a peça foi produzida é uma forma de agregar valor.

A intervenção de *design* na produção artesanal de Barra do Riachão vem proporcionando a criação de novos produtos, inclusive peças e acessórios de moda, sem deixar perder o valor cultural e histórico da produção local da comunidade. Assim, como existem tendências no setor da moda, da indústria automobilística, existem também tendências mercadológicas as quais se deve entender e empregar nas produções artesanais. As ações de *design*, nessa área de produção artesanal, visam proporcionar melhorias e facilitar a inserção desses produtos no mercado. Esse investimento na produção artesanal foi realizado com o objetivo de destacar, principalmente, as características locais das peças, acentuar as diferenças culturais na construção desses produtos, apresentar os elementos mais singulares aos consumidores que buscam originalidade, exclusividade e consomem produtos culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva aqui adotada, a prática do artesanato desenvolvida pelos jovens preserva valores culturais das comunidades e estimula a cidadania de quem participa do processo criativo. Neste sentido, o artesanato, além de ser uma forma de expressão de uma cultura e de um povo, tem considerável atuação na economia, na medida em que participa do processo de produção, comercialização e escoamento dos produtos artesanais por meio de feiras de exposições e ponto de venda na própria comunidade. Aspecto que possibilita a geração de trabalho e de renda para os jovens, ao mesmo tempo em que estes podem, se desejarem, permanecer na atividade da agricultura.

A pesquisa apontou também que os jovens rurais, filhos de produtores familiares, avaliam suas condições de seguir a atividade de seus pais comparativamente a suas perspectivas de inserção em atividades não agrícolas. O descontentamento de alguns jovens que exercem o artesanato como atividade remunerada é devido, sobretudo, ao desconhecimento em gestão e comercialização dos produtos confeccionados. Uma ação em que a maioria dos jovens entrevistados afirma que a atividade pluriativa é uma prática complementar à renda familiar, embora se reconheça com habilidade para o artesanato, mas colocar o produto no mercado ainda constitui um entrave para estes artesãos pesquisados. Este reflexo é apontado na redução e dificuldade nas vendas no comércio, em feiras livres, principalmente no município de Caruaru, espaço de escoamento da produção.

Outra medida que reforça o desestímulo é que estes jovens não colocam esta atividade como meta de trabalho, isto é, não pretendem crescer ou avançar na arte da costura artística ou na aplicação de acessórios em peças jeans customizadas. Em contrapartida, apenas uma jovem mencionou desejar seguir a profissão, apesar da dificuldade financeira, da falta de acesso e de informação naquele distrito.

Os resultados demonstram a necessidade de iniciativa do poder público na aplicação de políticas direcionadas à promoção de novos talentos, espaços que estimulem a prática artística no distrito de Barra do Riachão, em consonância com o trabalho da Extensão Rural Pública, como promotora do desenvolvimento local que venha abarcar esses novos talentos que emergem no cenário rural, diante da constância de atividades pluriativas que surgem.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo; SILVESTRO, Milton; CORTINA, Nelson; BALDISSERA, Ivan Tadeu; FERRARI, Divan; TESTA, Vilson Marcos. **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: Edições Unesco, 1998.

BARROSO, E. N. **Curso design, identidade cultural e artesanato**. Fortaleza: Sebrae/Fiec, 2002. módulos 1 e 2.

CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

CARNEIRO, Maria José: Ruralidades: novas Identidades em construção. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 11, p. 53-75, outubro 1998. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/onze/zeze11.htm>>. Acesso em: 13 de jul. de 2009.

CASTRO, Elisa Guaraná de. **Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural, contribuições para o debate**. UFRRJ, 2005. Disponível em: <<http://www.alasru.org/cd alasru2006/02%20GT%20Elisa%20Guaran%C3%A1%20de%20Castro.pdf>>. Acesso em 13 de jul. 2009.

CONDEPE/FIDEM. **Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco**. Disponível em <www.condepe/fidem.gov.br>. Acesso em: 5 de jul. de 2009.

DEL GROSSI, Mauro Eduardo; SILVA, José Graziano da. **O novo rural: uma abordagem ilustrada**. Londrina, PR: IAPAR, 2002.

FRANCO, Augusto de. **O lugar mais desenvolvido do mundo: investindo no capital social para promover o desenvolvimento comunitário**. Brasília, DF: AED, 2004.

IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidades>>. Acesso em: 18 de jul. de 2009.

JARA, Carlos Julio. **As dimensões intangíveis do desenvolvimento sustentável**. Brasília, DF: IICA, 2001.

JESUS, Paulo de. Desenvolvimento local. In: CATTANI, Antonio David (Org). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz, 2003.

JESUS, Paulo de. Sobre desenvolvimento local sustentável. In: FILHO, A. do R. M.; PEDROSA, I. V.; ASSUNÇÃO, L. M. de O. **Gestão do desenvolvimento sustentável**. Recife: Editora, 2006, p. 17-37.

KLIKSBERG, Bernardo. **Capital social e cultura**: as chaves esquecidas do desenvolvimento. Programa de Promoção da Reforma Educativa na América Latina e Caribe (Preal). Rio de Janeiro, 2002.

MALCOLM, Bernard. **Moda e comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

SILVA, Emanuelle Kelly Ribeiro da. **Design e artesanato**: um diferencial cultural na indústria do consumo. UFC, 2007. Disponível em: <http://fido.palermo.edu/servicios_dyc/encuentro2007/02_auuspicios_publicaciones/actas_diseno/articulos_pdf/A032.pdf> Acesso em: 2 de set. de 2009.

SPOSITO, Marília Pontes; CORROCHANO, Maria Carla. A face oculta da transferência de renda para jovens no Brasil. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP, Vol. 17, No. 2, Ano: 2005. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/tempocial/pdf/vol17n2/v17n2a06.pdf>>. Acesso: 05 de jul. 2009.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel et al. **Juventude rural**: vida no campo e projetos para o futuro. Relatório final. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2006.